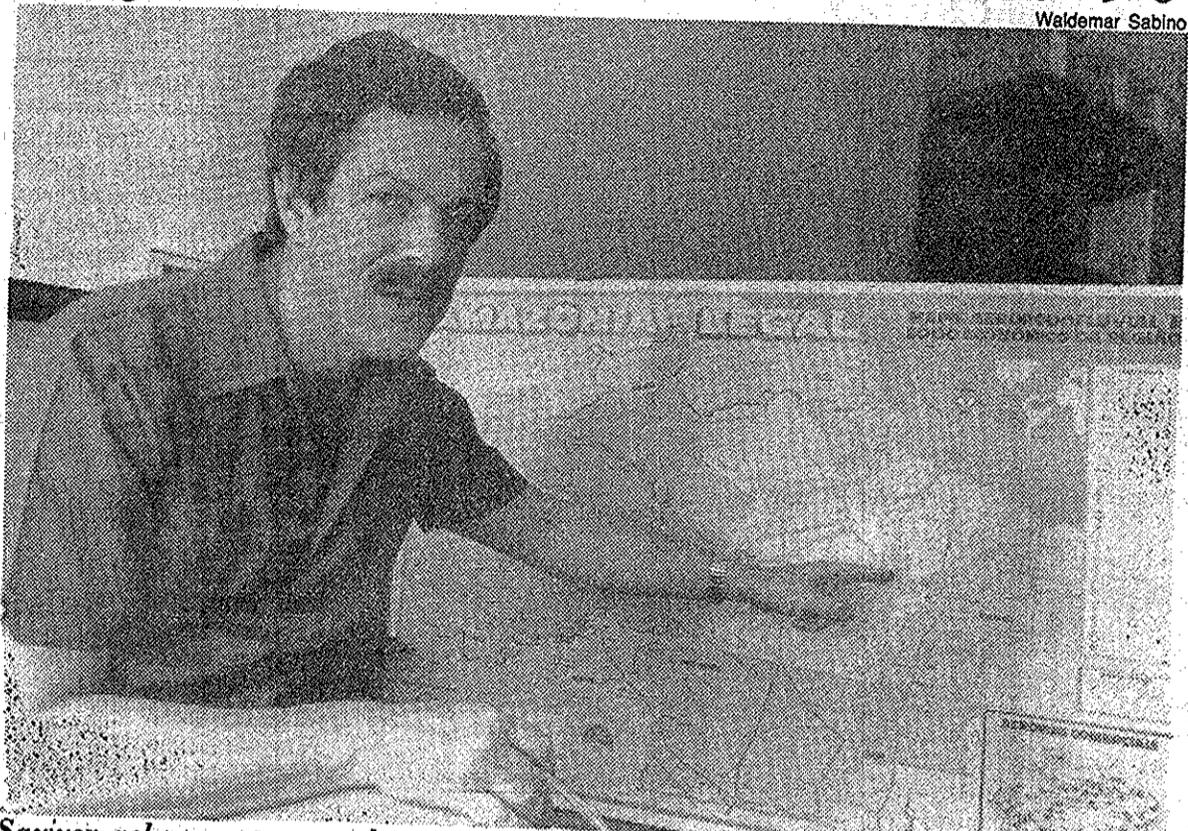


Amazônia sofrerá esvaziamento em 90

Sociólogo alerta que fluxo de migrantes cessará

Maurício Lara

Waldemar Sabino



Sawyer acha que terra pobre e garimpo esgotado vão levar o povo de volta

BELO HORIZONTE — Professor no Programa de Pós-Graduação em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais, o sociólogo Donald Sawyer, de 42 anos, espera para a próxima década um crescente refluxo demográfico na Amazônia. Ele se baseia na observação dos migrantes que se frustram com o sonho da terra própria e na característica dos garimpeiros, que não levam a família e, uma vez exaurido um garimpo, tendem a se mudar para outro ou retornar à origem. Aponta ainda a maior consciência ecológica e a pressão externa contra a devastação, como razões para o refluxo.

Do ponto de vista local, pode haver enorme intensificação populacional em regiões como Roraima, onde começaram este ano os garimpos de ouro. Mas, ainda assim, o crescimento não estatístico será pouco significativo. "Se tem uma pessoa no local e chegam mais dez, há um aumento de 1 mil%. Mas, dez pessoas ainda não significam muito", raciocina Sawyer. Muitas vezes, o garimpeiro chega a Roraima vindo de outro garimpo da própria Amazônia. Outra região de crescimento provável apontada pelo sociólogo é o Acre, por causa das novas áreas de pecuária.

No posto de triagem instalado em Vilhena (RO), eram cadastrados 20 mil migrantes por mês, em meados de 1986. No início de 1988, esse número caiu, segundo Sawyer, para menos de 5 mil. No Projeto Machadinho, no Nordeste de Rondônia, em 1987, havia colonos morando em apenas metade dos lotes distribuídos três anos antes. "E a tendência parece ter sido de esvaziamento, de lá para cá", disse o sociólogo, que é americano e mora no Brasil há 20 anos.

Os colonos estão descobrindo que a terra é pouco fértil, que as condições ambientais são muito difíceis e o acesso ao mercado também. Há muita desistência e migração para as cidades, ou novas tentativas em garimpos — explicou Sawyer, citando o garimpo de cassiterita em Ariquemes (RO), que tem atraído muitos colonos: que receberam terra na região.

Urbanização — Em 1980, 51,7% da população da região Norte eram urbanos e, na opinião do sociólogo, a urbanização certamente aumentou durante a década, repetindo o que aconteceu no início do século, com a queda da extração da borracha. "Entre a mata e a periferia urbana, muitos preferem a pobreza urbana, pois ali têm acesso a alguns serviços de saúde e educação e outras possibilidades de sobrevivência e consumo", analisa Donald Sawyer.

Os colonos vão atrás de terra, trabalho por conta própria e autonomia, levando as famílias e dispostos a ficar, dando como principal contribuição a integração da Amazônia ao resto do país. Uma importante diferença da época do puro extrativismo, quando todo o vínculo regional era com o exterior. O garimpeiro, ao contrário do colono, vai geralmente sozinho e sua presença em cada lugar é sempre transitória.

O garimpo de Serra Pelada pode ter tido até 90 mil homens, que não apareceram no censo de 1980. E, no Censo de 1990, pode estar vazio. Resta saber se os garimpeiros foram para outros garimpos, ou se voltaram às suas origens. Em 1990, eles poderão estar em Rondônia. O que temos certeza é que eles andam muito — comentou o americano, afirmando que, mesmo que o garimpo dure muitos anos, o garimpeiro é sempre transitório.

Na opinião de Donald Sawyer, a Amazônia é vista como um "vazio demográfico" progressivamente preenchido pela migração, num processo linear. "A ocupação econômica ou política de uma região periférica não significa necessariamente sua ocupação demográfica", explica. Ele mostra que os saldos migratórios para a Amazônia nunca foram grandes no contexto nacional.

— A migração para áreas da Amazônia, na década de 70, na ordem de meio milhão de pessoas, foi menor que a migração para Belo Horizonte no mesmo período, e não se compara com o êxodo rural no Brasil, por volta de 16 milhões de pessoas — analisou.

Vazio — O sociólogo conclui que a Amazônia não é uma "válvula de escape". Os que tentaram estão descobrindo que "a terra sem homens não ajuda o homem sem terra". Ele acredita que a notícia dessa realidade adversa volta à terra dos migrantes. E dá como exemplo a reação de gaúchos ameaçados de remoção, para a construção de uma barragem, que afirmaram: "Tudo ao Norte do Paraná é malária."

Na análise de Donald Sawyer, o "vazio" é uma visão do Centro-Sul em relação à Amazônia, porque na

realidade não existe este vazio, embora ainda existam áreas com população rarefeita e vastas extensões de florestas. "Mas, é necessário entender que o índio, para sobreviver, precisa de muita terra", disse. O estado do Amazonas tem permanecido praticamente intocado todos estes anos e experimentou até um esvaziamento, com a mudança de seringueiros para as regiões urbanas, segundo o pesquisador.

A maior consciência ecológica e a pressão externa contra a devastação da Amazônia são razões para o refluxo que ele aponta. Também a modernização da agricultura, com aumento da produtividade em áreas centrais, tende a desestimular a expansão em áreas periféricas, que apresentam muito mais dificuldade para competir no mercado consumidor, disse Sawyer.

Estradas motivaram ocupação recente

BELO HORIZONTE — No período colonial, a Amazônia passou por um significativo decréscimo de sua população total, com a dizimação das populações indígenas, lembra o sociólogo Donald Sawyer. Ele afirmou não existirem dados numéricos sobre essa dizimação, mas as razões não foram diferentes das que continuam atuando até hoje: violência, introdução de doenças trazidas pelo homem branco e desorganização dos grupos, que perdem suas bases de subsistência com a perda de terras.

No século 18, eram retiradas da região as chamadas Drogas do Sertão, como manteiga de tartaruga, cacau e a própria borracha. Em meados do século 19, a borracha cresce de importância e a ocupação da Amazônia se dá ao longo dos rios, atingindo regiões distantes, como a que viria a ser o Acre, e um pouco da área de Rondônia. Em função da borracha, na segunda metade do século 19 torna-se importante a colonização agrícola próxima à foz do Amazonas.

A partir de 1912, com o cultivo de seringais na Ásia, há a derrocada da borracha e de toda a região, provo-

cando um êxodo da população. Em 1820, segundo o IBGE, moravam na Amazônia 128 mil pessoas (3,2% da população do país). Em 1920, o número de habitantes atingia 1 milhão 439 mil (4,7% da população). No censo de 1940, a população aumentara para 1 milhão 462 mil, mas representava apenas 3,5% da população brasileira. Segundo Sawyer, a população voltou para o Nordeste, de onde saíra.

A borracha possibilitaria um novo fluxo populacional durante a Segunda Guerra Mundial, quando financiamentos norte-americanos incentivaram o repovoamento de área de seringais na Amazônia Ocidental, com migrantes recrutados no Nordeste, conta Donald Sawyer. E é na década de 40 também que migrantes do Nordeste e Centro-Sul começam a ocupar as zonas de transição entre o sertão ou os cerrados e a selva amazônica, como Goiás, Mato Grosso e a pré-Amazônia maranhense.

Na década de 60, mesmo com o incentivo da rodovia Belém-Brasília, que facilitaria o povoamento, o saldo migratório na região Norte

foi ainda muito baixo: 61 mil pessoas. Mas, na década de 70, as correntes migratórias atingem o Sul do Pará e novas levas de colonos saídos do Paraná e Rio Grande do Sul chegam a Rondônia. O saldo migratório da década foi então de 766 mil pessoas. A característica dos anos 70 foi um maior povoamento da faixa sul da Amazônia e um grande crescimento urbano, segundo Donald Sawyer.

O sociólogo disse que a maior parte da ocupação, entre os anos 40 e 70, é por migrantes à procura de terra, com as famílias. O crescimento da população é natural e maior, por causa da reprodução. Entre 1960 e 1980, a população da Amazônia passou de 2 milhões 561 mil pessoas (3,7% da população do país), para 5 milhões 880 mil (4,9% da população brasileira).

Desde o pós-guerra, o garimpo de diamante teve certa relevância, mas foi nos anos 80 que estourou o garimpo do ouro, inicialmente no Sul do Pará, disse Donald Sawyer. Antes, havia algum garimpo de ouro no Amapá, Roraima e Tapajós, principalmente.